



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ALVINO ÁLVARO LISBOA

**A ESCRAVIDÃO NA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM BERTOLEZA, NA
OBRA *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO**

CAJAZEIRAS - PB

2024

ALVINO ÁLVARO LISBOA

**A ESCRAVIDÃO NA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM BERTOLEZA, NA
OBRA O CORTIÇO, DE ALUÍSIO AZEVEDO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras –
como requisito de avaliação para obtenção
do título de licenciado em Letras.**

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionizio Santos

CAJAZEIRAS - PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L769e	<p>Lisboa, Alvino Álvaro. A escravidão na representação da personagem Bertoleza, na obra <i>O Cortiço</i>, de Aluísio Azevedo / Alvino Álvaro Lisboa. – Cajazeiras, 2024. 31f. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionizio Santos. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1. Análise literária. 2. Bertoleza - Personagem. 3. Escravidão e representação em Bertoleza. 4. Realismo / Naturalismo. 5. O cortiço - Análise. 6. Aluísio de Azevedo - Obra. I. Santos, Maria de Lourdes Dionizio. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 82.09

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046


ALVINO ÁLVARO LISBOA

**“A ESCRAVIDÃO NA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM BERTOLEZA,
NA OBRA O CORTIÇO, DE ALUÍSIO AZEVEDO”**

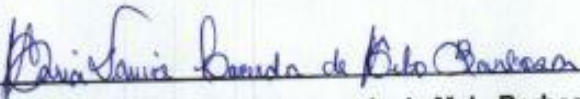
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras
- como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em
Letras.

Aprovado em: 10/07/2024


Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionizio Santos
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)



Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

*A Deus, por todas as oportunidades
concedidas;*

*À minha esposa, sempre na luta da vida
juntos;*

Aos meus filhos: André, Arthur e Anthony.

Eternamente, **DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todos os momentos na minha vida, pelos dias de muitas lutas e conquistas, pela saúde e entendimento, para seguir sempre em frente nos meus objetivos.

À minha esposa, Elianne, pelo incentivo, apoio, pela compreensão e dedicação com nossos filhos.

Aos meus pais, (minha base e estrutura de tudo) pela educação oferecida desde meus primeiros dias na escola, mesmo com tantas dificuldades para educar nove filhos, sempre me deram forças, incentivando e orientando, que na vida só o conhecimento é a ferramenta principal que uma pessoa precisa por toda sua vida.

Aos meus Irmãos, mesmo alguns distantes, mas presentes com palavras e apoio no que precisei.

Aos meus amigos e familiares de um modo geral, pelo carisma e suporte oferecido.

À minha orientadora, Maria de Lourdes, pelas orientações, pela disponibilidade e paciência em todo o desenrolar deste trabalho e por sempre mostrar uma boa direção em meio a tantas lutas e desafios.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), pelo afeto e responsabilidade na formação acadêmica e profissional de todos nós discentes.

RESUMO

Este trabalho investigou a escravidão na representação da personagem Bertoleza, na obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Partimos da necessidade de tecer uma discussão sobre a temática da escravidão, abordada na obra *O cortiço*, a partir de uma análise sobre a condição de escravizada da personagem Bertoleza. A pesquisa foi realizada à luz das reflexões e análises de Azevedo (1997), Brait (1985), Candido (1987), Fanon (2008), Mourão (1990), dentre outros autores que contribuíram para a investigação. A partir da análise do romance *O cortiço* constatamos que a escravidão, até os dias atuais, gera discussão e críticas, de acordo com o momento e a forma como e em que ela ocorre. Assim, esperamos que este estudo de personagem de obra Literatura Brasileira possa contribuir para outras provocações, indagações e discussões, para outros pesquisadores, bem como para a análise e a crítica de estudos literários.

Palavras-chave: Escravidão e Representação em Bertoleza. Realismo/Naturalismo. Aluísio Azevedo. *O cortiço*.

ABSTRACT

This work investigated slavery in the representation of the character Bertoleza in the work *O cortiço*, by Aluísio Azevedo. We start from the need to create a discussion on the theme of slavery, addressed in the work *O cortiço*, based on an analysis of the enslaved condition of the character Bertoleza. The research was carried out in light of the reflections and analyzes of Azevedo (1997), Brait (1985), Candido (1987), Fanon (2008), Mourão (1990), among other authors who contributed to the investigation. From the analysis of the novel *O cortiço* we found that slavery, to this day, generates discussion and criticism, according to the moment and the way in which and in which it occurs. Thus, we hope that this character study of Brazilian Literature can contribute to other provocations, questions and discussions for other researchers, as well as for the analysis and criticism of literary studies.

Keywords: Slavery and Representation in Bertoleza. Realism/Naturalism. Aluísio Azevedo. *O cortiço*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A ESCRAVIDÃO NA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM BERTOLEZA, NA OBRA <i>O CORTIÇO</i>, DE ALUÍSIO AZEVEDO.....	9
2 BERTOLEZA, REPRESENTAÇÃO DE ESCRAVIDÃO EM <i>O CORTIÇO</i>	13
3 REALIDADE DA VIDA ESCRAVIZADA E TRAGÉDIA DE BERTOLEZA, EM <i>O CORTIÇO</i> DE (ALUÍSIO AZEVEDO).....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS.....	29

INTRODUÇÃO

Na análise da obra *O cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo, obra enriquecida de uma diversidade de temas a serem abordados, foi discutido nesse trabalho acadêmico a temática da escravidão na representação da personagem Bertoleza, que abrange muitas discussões e críticas, conforme o período em que ocorreu a narrativa.

O cortiço é constituído por 23 capítulos que narram a vida dos moradores da região periférica do Rio de Janeiro no final do século XIX, porém, para essa pesquisa, foi realizada a análise no capítulo I e dos capítulos XIX ao XXIII do romance, em que a Bertoleza é considerada como uma das principais personagens para o desfecho do que pontuamos nos capítulos que foram debatidos nesse espaço acadêmico.

Neste trabalho acadêmico, investigamos a vida escravizada da Bertoleza e a ambição de João Romão um taverneiro que ascende no Brasil por meios ilícitos e enganando as pessoas ao seu redor.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postulados por Azevedo (1997), Brait (1985), Candido (1987), Fanon (2008), Mourão (1990) e outros teóricos que contribuíram nessa investigação.

Além dessa seção introdutória, este trabalho acadêmico está dividido em três unidades, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos sobre a escravidão na representação da personagem Bertoleza, em que a abordagem foi discutida conforme as personagens são apresentadas e o meio em que acontece o romance.

Logo após, expomos, no segundo capítulo, Bertoleza como representação de escravidão, a qual estaria quase conseguindo sua liberdade, lutando com muito esforço para conquistar sua alforria, mas, o entrosamento com João Romão compromete sua liberdade e sua vida.

Na terceira unidade, consideramos na análise, a vida escravizada e a conseqüente tragédia de Bertoleza, as humilhações e o quanto à personagem Bertoleza é rejeitada até a sua morte por seu explorador João Romão.

Por último, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizado e as referências usadas nesta investigação.

1 A ESCRAVIDÃO NA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM BERTOLEZA, NA OBRA *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO AZEVEDO

Na obra *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, foi tratado de forma marcante a temática da escravidão na representação da personagem Bertoleza. Assim abordamos as mais variadas formas possíveis de explorações e humilhações observadas no cenário onde acontece toda a narrativa do romance destacando a escravidão da personagem supracitada.

O cortiço é constituído por 23 capítulos que narram a vida dos moradores de uma comunidade recém formada e bem periférica na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX.

A personagem João Romão, para ganhar dinheiro a ponto de enriquecer no Brasil, não media esforços para seguir seu percurso de objetivo crucial, que seria enriquecer explorando, enganando os mais pobres, além de ser um indivíduo muito ambicioso. No desfecho do romance, João Romão é um explorador das pessoas, principalmente da Bertoleza. Ao almejar ascender na vida, ele se aproveita também dos cidadãos das camadas inferiores, que são os pobres representados na narrativa. Neste contexto, Laurentino Gomes pontua em um trecho do seu livro *Escravidão*, volume II, que

O BRASIL DO OURO E DOS DIAMANTES era uma colônia católica, devota, vigiada e controlada, cuja prosperidade dependia da exploração do trabalho de pessoas escravizadas. A contradição entre a piedade religiosa e a brutalidade da escravidão gerou algumas situações irônicas. (Gomes, 2021, p.106).

Sendo assim, analisando esse contexto do livro de Laurentino Gomes, percebemos, também, na obra *O cortiço*, a ambição do personagem João Romão para enriquecer dependia da exploração do trabalho de pessoas escravizadas, que o mesmo apresenta em toda a trajetória do romance. Isso é mostrado quando o narrador (Azevedo, 1997, p. 1) relata, no primeiro capítulo da narrativa, a ganância de João Romão para tornar-se rico às custas da escravidão da Bertoleza:

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia

sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade. Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado.

Neste sentido, o narrador da obra destaca as privações do João Romão, ou seja, um indivíduo que enfrentava as piores condições de vida para enriquecer, e também mostra a vida sofrida e escravizada da Bertoleza, trabalhando dia e noite sem descanso.

Com a morte do esposo da escrava Bertoleza, João Romão amiga-se com a ela, falsifica uma carta de alforria que seria a libertação da escravizada do seu proprietário e a explora a com sobrecarga de trabalho dia a dia.

Segundo Azevedo (1997, p. 1), “João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras”.

E assim João Romão foi constituindo seu enorme patrimônio, sempre escravizando Bertoleza para seus planos futuros de mais poder, que no final do romance todo o cenário do cortiço muda, suas casinhas se transformam em ambientes melhores e seus moradores mais “civilizados”. João Romão muito astucioso com projeto futuro para sua estalagem, e conversando com Miranda, expõe suas ideias:

Vou reedificar tudo isto! declarou João Romão, com um gesto enérgico que abrangia toda aquela Babilônia desmantelada. E expôs o seu projeto: tencionava alargar a estalagem, entrando um pouco pelo capinzal. Levantaria do lado esquerdo, encostado ao muro do Miranda, um novo corredor de casinhas, aproveitando assim parte do pátio, que não precisava ser tão grande; sobre as outras levantaria um segundo andar, com uma longa varanda na frente toda gradeada. Negóciozinho para ter ali, a dar dinheiro, em vez de uma centena de cômodos, nada menos de quatrocentos a quinhentos, de doze a vinte e cinco mil-réis cada um! (Azevedo, 1997, p. 95).

Durante todo o enredo, além das personagens João Romão e Bertoleza, figuram também os moradores do cortiço, muitos pobres e de nacionalidades diversificadas como: portugueses, italianos e o próprio cortiço seria considerado como

personagem e classificado como ambiente precário, ou seja, cheio de preconceitos, racismo e muitas outras características marcantes da realidade vivida por aquela comunidade.

Nesta perspectiva, Beth Brait (1985, p. 48-49) assim explica a formação das personagens:

No capítulo III da obra *O cortiço*, ao construir a cena do despertar desse núcleo habitacional dominado por João Romão, personagem talhada a partir dos traços marcantes de um imigrante português em busca de ascensão, Aluísio Azevedo descarta qualquer possibilidade de individualização de uma personagem, para compor um quadro coletivo, formado por um conjunto harmônico dos traços comuns das várias personagens que formam esse núcleo: [...] das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos [...] trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias [...] destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam [...]. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio [...]. Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas [...]. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço [...].

Nessa passagem, é possível perceber as personagens do romance cada uma com uma característica diferenciada que contribui para o romancista fazer seus destaques em relação ao espaço social, econômico e cultural que engloba o processo de urbanização e modernidade da cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX.

Para tanto, Brait (1985, p. 49) destaca que *O cortiço* é

a coletividade representada por brasileiros que, pouco a pouco, o narrador vai descortinando como dominados, sem consciência de sua existência miserável, [...]. A compreensão das características desse núcleo só pode ser conseguida por oposição a um outro, formado pelos portugueses que chegavam ao Brasil com o objetivo de enriquecer, e também pela tentativa de Aluísio Azevedo realizar, através dessa obra, um minucioso estudo das relações sociais implicadas no acúmulo de capital de um grupo ambicioso em franca oposição à pobreza e à ociosidade do outro.

Desse modo, a obra *O cortiço*, denuncia o quanto os imigrantes chegavam aqui no Brasil, com o propósito de enriquecer, e a maioria que conseguia poder explorava principalmente homens negros, mulheres negras, brancos e brancas pobres, e enriqueciam às custas do trabalho árduo, e da exploração da força de trabalho dessa gente, que se encontravam em moradias como os cortiços.

2 BERTOLEZA, REPRESENTAÇÃO DE ESCRAVIDÃO EM *O CORTIÇO*

A personagem Bertoleza, apresentou grande importância da análise d'*O cortiço* de Aluísio Azevedo, na representação da temática da escravidão, na narrativa, pontuando a obra como uma das mais ricas em variadas discussões no cenário de pessoas exploradas e vitimizadas pelas condições precárias de vida, decorrentes de uma sociedade ainda em formação, conforme percebemos nesse trecho do romance:

O cortiço, uma das obras mais importantes de Aluísio Azevedo e uma das principais representantes do Naturalismo no Brasil, tem como personagem principal o lar de pessoas com uma imensa variedade de personalidades e anseios cujo espaço em que a narrativa se desenvolve é descrito na obra como um ser vivo. O romance é ambientado no Rio de Janeiro em fins do século XIX, quando a cidade mostrava um grande contraste social e econômico: por um lado, crescia com a classe média e a expansão de um nascente capitalismo; e por outro, não tinha infraestrutura para suportar o contingente de desempregados, sobrevivendo em situações precárias no panorama da pós-abolição e instauração da República. Em meio a essa divisão, Azevedo escolheu retratar em sua obra os marginalizados e assim o cortiço nasce como moradia para quem vivia, cada um a seu modo, as mazelas de uma sociedade em decadência. Ao atribuir determinada atenção a esse grupo específico, torna-se possível notar todas as nuances de suas vivências sem moralismos ou pudores, navegando em aspectos profundos da realidade (Montenegro, 1953, s.p. *apud* Sodré, 1965, p. 188).

O romance começa com os dois principais personagens: João Romão e Bertoleza; a rigor o envolvimento de João Romão com Bertoleza surge pela necessidade de João Romão, quando este inicia sua trajetória de vida sem muitas mordomias; ou seja, sua vida miserável na narrativa, como destaca Azevedo (1997, p. 1):

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lhe, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

Sendo assim o interesse pela quitandeira, Bertoleza, tem como ponto de partida, a ambição de João Romão em conseguir muitos lucros às custas do trabalho árduo da escravizada como é frisado no seguinte destaque:

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta (Azevedo, 1997, p.1).

Bertoleza estaria quase conseguindo sua liberdade, lutando com muito esforço para conquistar sua alforria, mas o entrosamento com João Romão em sua vida complicou sua condição de escravizada, após a morte do seu parceiro. João Romão se aproveitou desta desgraça, dos sofrimentos da sua vizinha, e conseguiu ganhar a sua confiança, quando Bertoleza lhe contou tudo em relação à sua condição escrava; que estava juntando dinheiro para tornar-se livre e que precisaria de ajuda, um apoio, ou seja, uma espécie de proteção para continuar sua luta:

Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos (Azevedo, 1997, p. 1).

Neste momento de fragilidade de Bertoleza, João Romão aproveitou-se da situação, do momento difícil, e prontificou-se para tornar-se o caixa, o procurador e o seu conselheiro. Assim,

No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João

debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza” (Azevedo, 1997, p.1).

Bertoleza encontrava-se muito frágil, de tal modo que o taverneiro conseguiu, de imediato, o que desejava, como explica Azevedo nesse trecho do romance:

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão. Quando deram fé estavam amigados (Azevedo, 1997, p. 1).

Percebemos, então, que, Bertoleza é enganada completamente e o taverneiro passou a administrar tudo o que dizia respeito a ela, tornando-se responsável por contas, dívidas e negócios, de forma que pudesse controlar as economias dela; e logo a convidou para morarem juntos, e ela aceitou numa felicidade imensa, contente por arrumar um novo homem, e, além do mais, um português, pois não queria envolver-se com negros, “porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua” (Azevedo, 1997, p.1).

Bertoleza não sabia, no entanto, o que aconteceria com sua condição escrava, que permaneceria, com essa nova relação conjugal, nas mãos de João Romão, conforme mostra essa passagem do romance:

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza. Havia, além da cama, uma cômoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarelo já mareadas, um oratório cheio de santos e forrado de papel de cor, um baú grande de couro cru tacheado, dois banquinhos de pau feitos de uma só peça e um formidável cabide de pregar na parede, com a sua competente cobertura de retalhos de chita. O vendeiro nunca tivera tanta mobília.

— Agora, disse ele à crioula, as coisas vão correr melhor para você. Você vai ficar forra; eu entro com o que falta (Azevedo, 1997, p. 1-2).

João Romão, sujeito medíocre, sem limites para conquistar seus objetivos, forjou uma carta de alforria para Bertoleza, na qual supostamente estaria escrito:

— Você agora não tem mais senhor! declarou em seguida à leitura, que ela ouviu entre lágrimas agradecidas. Agora está livre. Doravante o que você fizer é só seu e mais de seus filhos, se os tiver. Acabou-se o cativo de pagar os vinte mil-réis à peste do cego!

— Coitado! A gente se queixa é da sorte! Ele, como meu senhor, exigia o jornal, exigia o que era seu!

— Seu ou não seu, acabou-se! E vida nova!

Contra todo o costume, abriu-se nesse dia uma garrafa de vinho do Porto, e os dois beberam-na em honra ao grande acontecimento. Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de despegar-lhe em cima, para dar à burla maior formalidade, representava despesa porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida. O senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato; o que lhe constou, sim, foi que a sua escrava lhe havia fugido para a Bahia depois da morte do amigo (Azevedo, 1997, p. 2).

Como havia João Romão já tramado inúmeras ideias de escravizar Bertoleza, inicia o relacionamento com à Bertoleza a toda pressão e desumanidade, com um ser que de agora em diante seria seu porto de exploração total como pontua Azevedo (1997, p. 2):

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado.

Bertoleza, juntamente com João Romão, à noite furtava objetos de materiais para construção de casinhas, de onde começava surgir as moradas pequenas que era denominada de cortiço, como explica Azevedo (1997, p. 2):

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtava à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto. Estes furtos eram feitos com todas as cautelas e sempre coroados do melhor sucesso, graças à circunstância de que nesse tempo a polícia não se mostrava muito por aquelas alturas. João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que se não ouvia vislumbre de rumor. Depois, um tomava uma carga e partia para casa, enquanto o outro ficava de alcatéia ao lado do resto, pronto a dar sinal, em caso de perigo; e, quando o que tinha ido voltava, seguia então o companheiro, carregado por sua vez.

Nada lhes escapava, nem mesmo as escadas dos pedreiros, os cavalos de pau, o banco ou a ferramenta dos marceneiros.

E o fato é que aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram o ponto de partida do grande cortiço de São Romão.

Essa era a realidade das personagens como Bertoleza e outros pobres diabos que popularizavam *O cortiço*, na maior parte dos moradores no Rio de Janeiro do século XIX. Amplamente com a necessidade das pessoas, que habita os cortiços, essas casinhas aumentavam gradativamente a cada dia, João Romão conseguiu aumentar o cortiço através de roubos, por meios ilícitos, tudo com a ajuda da sua companheira. João Romão

só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que, no entanto, gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda (Azevedo, 1997, p. 5).

No decorrer do enredo percebe-se, na exploração e no abuso da força de trabalho e de Bertoleza, a materialização da escravidão representada por essa personagem. Isso se confirma em Bertoleza quando a vemos sempre lotada de afazeres e sem descanso, como é retratado na seguinte passagem do romance:

Ao lado, na casinha de pasto, a Bertoleza, de saias arrepanhadas no quadril, o cachaço grosso e negro, reluzindo de suor, ia e vinha de uma panela à outra, fazendo pratos, que João Romão levava de carreira aos trabalhadores assentados num compartimento junto. Admitira-se um novo caixeiro, só para o frege, e o rapaz, a cada comensal que ia chegando, recitava, em tom cantado e estridente, a sua interminável lista das comidas que havia. Um cheiro forte de azeite frito predominava.

Eram apenas oito horas e já muita gente comia e palavreava na casa de pasto ao lado da venda. João Romão, de roupa mudada como os outros, mas sempre em mangas de camisa, aparecia de espaço em espaço, servindo os comensais; e a Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos (Azevedo, 1997, p. 17-26).

Nesse destaque acima, percebe-se a vida boa que o português adquiria escravizando a sua parceira, Bertoleza, caracterizada sempre como a serviçal, constantemente correndo para dar conta de tudo que era trabalho, braçal ou não, e sem descanso. Ou seja, correndo contra o tempo para não falhar no seu serviço e cada vez mais sendo escravizada e explorada de maneira tão conformada, que não reclamava de nada, ou sequer questionava essa escravidão, vista o tempo todo no seu espaço de morada.

3 REALIDADE DA VIDA ESCRAVIZADA E TRAGÉDIA DE BERTOLEZA, EM O CORTIÇO DE (ALUÍSIO AZEVEDO)

Segundo Rui Mourão (1990, p. 9),

O cortiço é um dos melhores retratos que já se levantaram do Brasil do segundo império, em que as sobrevivências da estrutura colonial punham à mostra uma numerosa casta de portugueses enriquecidos a empolgar as posições de comando e uma legião mal definida de pretos, mulatos e brancos, em pleno processo de caldeamento e formação, constituindo o escalão mais inferior da sociedade.

Com base nesse comentário supracitado, observamos que a narrativa acontece em um ambiente precário e também em uma condição de vida humilhante para os personagens do romance e, principalmente, para Bertoleza, em que a temática da escravidão é abordada de forma marcante e contundente na obra *O cortiço*, de Azevedo (1997), como vimos na representação dessa personagem, rejeitada por seu explorador João Romão que enriqueceu às custas dessa legião de pretos, mulatos e brancos pobres.

Dessa forma, segundo Candido (1993, p.113),

O Cortiço narra com efeito a ascensão do taverneiro português João Romão, começando pela exploração de uma escrava fugida que usou como amante e besta de carga, fingindo tê-la alforriado, e que se mata quando ele a vai devolver ao dono, pois, uma vez enriquecido, precisa liquidar os hábitos do passado para assumir as marcas da posição nova. Mas a verdadeira matéria-prima do seu êxito é o cortiço, do qual tira um máximo de lucro sob a forma de aluguéis e venda de gêneros.

Para Candido (1987, p. 26), “os realistas do século XIX [...] levaram ao máximo esse povoamento do espaço literário pelo pormenor, — isto é, uma técnica de convencer pelo exterior, pela aproximação com o aspecto da realidade observada”.

Sobre a realidade da vida de Bertoleza, depois que o vizinho do João Romão conquistou um título nobre, o narrador explica que:

Desde que o vizinho surgiu com o baronato, o vendeiro transformava-se por dentro e por fora a causar pasmo. Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado

defronte da venda, a ler jornais. Depois deu para sair a passeio, vestido de casimira, calçado e de gravata. Deixou de tosquiar o cabelo à escovinha; pôs a barba abaixo, conservando apenas o bigode, que ele agora tratava com brilhantina todas as vezes que ia ao barbeiro. Já não era o mesmo lambuzão! (Azevedo, 1997, p. 71-72).

Nesse sentido, depois que Miranda ascendeu para o cargo nobre de Barão, João Romão ficou inconformado, com muita inveja, e a partir daí começou a levar uma vida boêmia; ou seja, o estilo burguês que vivia a maioria da casta dos portugueses, e diante de todo esse cenário de transformações, de vaidade, a sua companheira continuava na vida de exploração, e ainda mais desprezada, escravizada na labuta, a cozinhar, vender, limpar peixes.

Para além de toda essa transformação de João Romão, é possível perceber a maneira que Bertoleza era escravizada e explorada pelo seu amigo:

Admitiu mais três caixeiros; já não se prestava muito a servir pessoalmente à negralhada da vizinhança, agora até mal chegava ao balcão.

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgadura de que já não precisamos para continuar a viagem. Começou a cair em tristeza (Azevedo, 1997, p. 71-72).

Dessa maneira, João Romão além de admitir mais funcionários, na intenção de ficar livre, longe de seus preciosos clientes no início da sua miserável trajetória na taverna, momento antes de pensar em ganhar um título social mais elevado, tinha planos para livrar-se da negra Bertoleza e, uma vez executado seu propósito, passar a viver uma esplêndida posição social na sociedade do Rio de Janeiro do século XIX.

A partir, de toda essa movimentação para o João Romão alcançar o seu ponto máximo de ascensão, Bertoleza não teria mais nenhuma utilidade, só estaria atrapalhado sua posição na sociedade, pelo fato de como a mulher negra era tratada pela sociedade do século XIX do Rio de Janeiro, como vemos neste fragmento da obra, em que Azevedo pontua esse cenário cruel:

Mas a bolha do seu desvanecimento engelhou logo à vista de Bertoleza que, estendida na cama, roncava, de papo para o ar, com a boca aberta, a camisa soerguida sobre o ventre, deixando ver o negrume das pernas gordas e lustrosas. E tinha de estirar-se ali, ao lado daquela preta fedorenta a cozinha e bodum de peixe! [...] sem ânimo de afastar-se da beira da cama, para não se encostar com a amiga, surgiu-lhe nítida ao espírito a compreensão do estorvo que o diabo daquela negra seria para o seu casamento. E malucou no caso até às duas da madrugada, sem achar furo. Só no dia seguinte, a contemplá-la de cócoras à porta da venda, abrindo e destripando peixe, foi que, por associação de idéias, lhe acudiu esta hipótese: — E se ela morresse?... (Azevedo, 1997, p. 74-75).

Contudo, diante do desfecho do romance temos um choque de realidade, de como um hipócrita, João Romão, no início de sua carreira, trabalhando na taverna, submetia-se a tudo para conseguir lucros financeiros, enganando as pessoas ao seu redor, e sempre pensando em adquirir poder na sociedade, e, quando ascendeu, ou seja, quando conseguiu todo seu patrimônio, desprezou principalmente Bertoleza, e todos que de uma forma ou outra ajudaram na construção de seu império, como é frisado por Rui Mourão:

João Romão se achava identificado com o cortiço na fase em que coabitava com a negra Bertoleza. Bertoleza é a encarnação daquela coletividade e o seu valor simbólico alcança extraordinária força ao se revelar como pessoa sugada até a última gota, tendo contribuído de todas as formas para o enriquecimento do taberneiro, para em seguida por ele se ver desprezada. (Mourão, 1990, p. 9).

Essa era uma realidade nos meados do século XIX, em que a maioria da casta dos portugueses tinha como objetivo principal a aquisição de ganhar muito dinheiro, bens materiais, poder e destaque social, o que hoje no âmbito social em que vivemos não sejam muito diferentes, quando fazemos menção aos atuais políticos brasileiros, que usam a população sempre com interesses de aquisição de poder acima de tudo.

Vê-se assim, que o narrador frisa os destaques de aparência física e personalidade são pontuados de forma degradante; a cultura da sociedade do século XIX classifica a raça negra como feia e menospreza seus modos de viver, o que infelizmente continua acontecendo nos momentos atuais, na sociedade brasileira, como Azevedo pontua:

E a crioula? Como havia de ser?

Era isto justamente o que, tanto o Barão como o Botelho, morriam por que lhe dissessem. Sim, porque aquela boa casa que se estava fazendo, e os ricos móveis encomendados, e mais as pratas e as porcelanas que haviam de vir, não seriam de certo para os beiços da negra velha! Conservá-la-ia como criada? Impossível! Todo Botafogo sabia que eles até ai fizeram vida comum!

[...]. Maldita preta dos diabos! Era ela o único defeito, o senão de um homem tão importante e tão digno (Azevedo, 1997, p. 97).

Apesar de todo desprezo e exploração em regime de escravidão vivenciados, Bertoleza deixava-se iludir, mesmo estranhando a transformação de João Romão em seu relacionamento conjugal, ela compreendia e parecia mais um afeto doentio, como o narrador explica:

E Bertoleza bem que compreendia tudo isso e bem que estranhava a transformação do amigo. Ele ultimamente mal se chegava para ela e, quando o fazia, era com tal repugnância, que antes não o fizesse. A desgraçada muita vez sentia-lhe cheiro de outras mulheres, perfumes de cocotes estrangeiras e chorava em segredo, sem ânimo de reclamar os seus direitos. [...]. E, no entanto, adorava o amigo, tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizam, dessas que morrem de ciúmes, mas que também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor (Azevedo, 1997, p. 97-98).

Nesse trecho do romance, é perceptível o sentimento doentio em relação ao seu parceiro, o que também é destacado na obra de Fanon (2008):

Mayotte ama um branco do qual aceita tudo. Ele é o seu senhor. Dele ela não reclama nada, não exige nada, senão um pouco de brancura na vida. E quando, perguntando-se se ele é bonito ou feio, responde: "Tudo o que sei é que tinha olhos azuis, que tinha os cabelos louros, a pele clara e que eu o amava" (Fanon, 2008, p. 54).

Esse aspecto de sentimento doentio abordado por Fanon, na citação acima, é o que a obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, sugere o tempo todo, em que Bertoleza percorre quase toda sua trajetória do romance; não lamenta nada, não exige nada do seu parceiro, apenas trabalhava, sem domingo nem dia santo, não cuidava de si; ou seja, com todos esses desgostos que a cercava, já não tinha afeto nenhum em sua

vida, vivendo em um mundo sombrio e cheio de infelicidades e tornando-se uma cativa também desse amor doentio como pontua Souza:

Diversos eram os motivos pelos quais uma pessoa podia se tornar um cativo na África, e variavam de acordo com o local no continente. Poderia ser em decorrência da punição de algum crime, por dívida, acusações de feitiçaria (o que excluía o indivíduo do grupo social em que se encontrava, tornando-o um “estrangeiro” e, portanto, suscetível à venda), por fome (em que, por sobrevivência, se trocava um escravo por comida), entre outros (Souza, 2010, p. 92).

Nessa perspectiva, a personagem Bertoleza seria uma sofredora, enganada pelo seu parceiro o tempo todo, que para ela podia confiar, ficando submissa ao seu explorador, essa seria a palavra que condiz com João Romão, e que devido esse sentimento por ele, desde o início, ela envolveu-se ao ponto de tornar-se sua amante e, que, sem perceber passaria a ser sua escrava na realidade do romance, como explica Mourão (1990, p. 9): “Bertoleza é a escrava que não deixará de ser escrava, embora por engodo do seu grande explorador, durante algum tempo tenha experimentado a ilusão de haver sido libertada”.

Contudo, com o passar do tempo, Bertoleza depara com uma grande decepção, ao ouvir uma conversa de João Romão com Botelho, sugerindo livrar-se dela; a conversa sobre o casamento do João Romão com Zulmira chega em seu conhecimento, e Bertoleza fica furiosa a ponto de enlouquecer com a situação, é a primeira vez que na narrativa Bertoleza argumenta e lamenta:

— Ah! agora não me enxerga! agora eu não presto para nada! Porém, quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e aguentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia pra um tudo; agora não presta pra mais nada, e atira-se com ela no monturo do cisco! Não! assim também Deus não manda! Pois se aos cães velhos não se enxotam, por que me hão de pôr fora desta casa, em que meti muito suor do meu rosto?... Quer casar, espere então que eu feche primeiro os olhos; não seja ingrato! (Azevedo, 1997, p. 111).

Desse modo, nesse trecho observamos uma marcante característica da obra naturalista que é o ser humano mostrado como animal, onde o narrador usa o termo “os cães velhos” comparando à condição precária da personagem; e também

Bertoleza esclarece que não teria acordo nenhum em relação ao João Romão tentar casar e abandoná-la enquanto tivesse vida, no desfecho do enredo. Esse conflito entre o casal terá um alto e trágico custo que será pontuado adiante. Destacado esse momento decisivo da personagem, começa uma luta de muita desconfiança, e João Romão passa a tramar cada vez mais com o intuito de tirar Bertoleza do seu caminho.

Depois de muitas tentativas, João Romão, planejando que Bertoleza morresse, ora assassinada, ora despachá-la como louca, em um momento de conversação com Botelho, o amigo traz uma inspiração ao ex-taverneiro com uma pergunta que seria a sentença para Bertoleza e uma saída para expulsar a Bertoleza de vez da sua vida:

No fim de uma boa pausa, Botelho perguntou se Bertoleza era escrava quando João Romão tomou conta dela.

Esta pergunta trouxe uma inspiração ao vendeiro. Ia pensando em metê-la como idiota no Hospício de Pedro 11, mas acudia-lhe agora coisa muito melhor: entregá-la ao seu senhor, restituí-la legalmente à escravidão. Não seria difícil... considerou ele; era só procurar o dono da escrava, dizer-lhe onde esta se achava refugiada e aquele ir logo buscá-la com a polícia.

E respondeu ao Botelho:

— Era e é!

— Ah! Ela é escrava? De quem?

— De um tal Freitas de Melo. O primeiro nome não sei. Gente de fora. Em casa tenho as notas (Azevedo, 1997, p. 112).

Nesse sentido, apesar da colaboração de Bertoleza para ascensão do seu amigo, vista em todo o romance, em que percebemos sua presença, cuja trajetória aparece como foco de destaque da narrativa, João Romão tramava para livrar-se dela, e com a ideia do Botelho, não pensou duas vezes para executar seu plano para devolver Bertoleza ao seu dono e restituí-la novamente à escravidão. Conforme observamos na citação acima, o narrador narra o modo como eram tratados os escravos e, principalmente, as mulheres negras no século XIX: como objetos, coisas, que teria até nota fiscal.

Assim, esses escravos, eram considerados como mercadorias, conforme é conceituado por Moore (2020, p. 182):

O escravo-mercadoria correspondeu a um estatuto sem igual na sociedade, pois se tratava de uma situação servil totalmente desprovida de direitos. O indivíduo era simplesmente destituído de sua condição de pessoa e transformado numa coisa, sujeito a ser vendido,

trocado, emprestado ou morto segundo a vontade de quem sobre ele possuía autoridade.

A partir das conversações do João Romão com Botelho, Bertoleza entra em estado de muita tensão, sabia que sua paz e segurança estariam realmente comprometidas, tornando sua vida atormentada, sem poder contar com seu amigo, como o narrador comenta, nessa passagem do romance:

Desde esse dia Bertoleza fez-se ainda mais concentrada e resmungona e só trocava com o amigo um ou outro monossílabo inevitável no serviço da casa. Entre os dois havia agora desses olhares de desconfiança, que são abismos de constrangimento entre pessoas que moram juntas. A infeliz vivia num sobressalto constante; cheia de apreensões, com medo de ser assassinada; só comia do que ela própria preparava para si e não dormia senão depois de fechar-se a chave. À noite o mais ligeiro rumor a punha de pé, olhos arregalados, respiração convulsa, boca aberta e pronta para pedir socorro ao primeiro assalto (Azevedo, 1997, p. 113).

Entretanto, a rigor, todo esse cuidado de Bertoleza para proteger-se das armadilhas do João Romão, que tinha por objetivo livrar-se dela, mal sabia ela que seu trágico fim seria causado pelo fato dela nunca ter sido libertada, e que João Romão juntamente com Botelho já haviam tramado tudo para devolvê-la ao seu dono primitivo, conforme fez, como descreve o narrador, neste trecho do romance:

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

— Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

— É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

— Mas imediatamente.

— Onde está ela?

— Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

[...]. Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo

coragem para matá-la, restituía-a ao cativoiro (Azevedo, 1997, p. 116-117).

No recorte acima, é perceptível a cena de humilhação, quando Bertoleza descobriu que foi enganada; e, por intermédio dessa denúncia ao seu senhor primitivo, Azevedo pontua o momento do fim trágico e humilhante de Bertoleza, em que ela depara com toda a realidade cruel da sua condição de escrava e de toda mentira que viveu todo esse tempo:

É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!
A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.
Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.
E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue (Azevedo, 1997, p. 118).

Portanto, Bertoleza tenta fugir, porém devido a situação que foi articulada para retorná-la à escravidão, comete um ato de autoimolação, cuja condição era a realidade da grande maioria dos escravizados, na época da escravidão brasileira, como uma maneira de fuga em que “muitos casos demonstram que o ato só era praticado como último recurso para forçar o atendimento dos desejos ou como alternativa para escapar definitivamente da escravidão” (Ferreira, 2009, p. 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos uma investigação onde foi tratado de forma marcante a temática da escravidão na representação da personagem Bertoleza onde é feita uma análise a escravidão como uma crítica e também à Bertoleza como personagem que representa a luta e a degradação da mulher negra no século XIX no Rio de Janeiro.

Para tal, analisamos na temática abordada, levando em consideração explorações e sofrimentos de uma mulher escravizada, que lutou até o fim de sua vida por sua alforria, mas não alcançou sua liberdade. Assim, podemos perceber a escravidão como condição desumana dos homens negros, mulheres negras e pobres, em meados do século XIX.

O narrador destaca Bertoleza, como um símbolo da resistência e da luta pela liberdade para os escravizados. Sua trajetória retrata o quanto a escravidão afetava a vida e a dignidade das pessoas subjugadas, e como essa realidade era intrínseca à sociedade brasileira da época, permeando todas as camadas sociais.

No decorrer da narrativa, percebe-se a escravidão representada pela personagem Bertoleza, através da exploração e do abuso de trabalho, que, a rigor, mostra a realidade da condição escrava no seu ambiente de morada, marcado por humilhações, desprezos e resultando no fim trágico de Bertoleza.

É importante ressaltar que a obra *O Cortiço* apresenta diversos personagens em suas complexidades, e propõe uma reflexão sobre a sociedade do século XIX, marcada pela exploração, opressão e desigualdade, e como essas questões afetam a vida das pessoas marginalizadas.

Sendo assim, o principal objetivo da análise da personagem Bertoleza, representando a temática escravidão abordada na obra *O cortiço*, foi mostrar, através da arte literária, no exemplo da obra de Literatura Brasileira, como uma cultura de séculos anteriores, até hoje reflete em sociedade dos dias atuais.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem várias possibilidades de analisar, como a escravidão até os dias atuais reivindica ser debatida, visto que ela abre espaço para muitas reflexões, críticas e discussões, no sentido de entender diversos problemas que envolvem nossa realidade, nas diversas esferas sociais.

Esperamos que esta proposta possa contribuir para outras indagações, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores, bem como para a análise e a crítica de estudos literários.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios, 3).
- CANDIDO, Antonio. *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CANDIDO, Antonio. De Cortiço a Cortiço. *In*: CANDIDO, Antonio. (Org.). **O Discurso e a Cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 111-129.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Jackson. Desta para melhor: o suicídio de escravos como uma tentativa de voltar para casa. *In*: FIGUEIREDO, Luciano (org.). **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. p. 13-19.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão**: Volume II - da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.
- MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2020.
- MOURÃO, Rui. Um mundo de galegos e cabras. *In*: AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1990, p. 5-9.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1965.
- SOUZA, Talita Tavares Batista Amaral de. Escravidão interna na África, antes do tráfico negreiro. **Vértices**, v. 5, n. 2, p. 11-24, 2010. Disponível em: file:///D:/Downloads/Escravidao_interna_na_Africa_antes_do_trafico_negr.pdf. Acesso em: 02 jul. 2024.